

A PERCEÇÃO DOS RISCOS EM MACAU: UMA PERSPECTIVA INTERCULTURAL

Felix Neto

Universidade do Porto
Portugal

Etienne Mullet

Ecole Pratique des Hautes Études
França

Resumo

A Percepção dos riscos em Macau: Uma perspectiva intercultural

Apresentam-se neste artigo um certo número de comparações sobre a gravidade dos riscos em pessoas de dez países, para além de Macau.

Comparam-se, em particular, as pontuações médias observadas em diferentes países, e é feita uma análise item por item das diferenças de pontuações observadas entre países. As pontuações médias observadas em Macau de diversos riscos mostram que os sujeitos não se baseiam apenas no conhecimento que poderiam ter nas estatísticas de mortalidade para julgar o grau de gravidade dos riscos associado a cada item. Apesar da elevada semelhança nas cotações médias, nos desvios-padrões, e nas correlações com outros países, Macau aparece como tendo o mais elevado nível de percepção do risco, e tal parece em grande medida dever-se a cinco itens relacionados com violência e crime.

São feitas sugestões em vista a enriquecer o conhecimento que se pode ter da percepção dos riscos por pessoas não peritas.

Palavras-chave

Percepção do risco, comparações interculturais, Macau.

Abstract

Risk perception in Macao: A cross-cultural perspective

An impressive body of research in the psychometric tradition has demonstrated systematic biases in the way Americans perceive risks

associated with technologies, substances, and activities. The consistency of the findings has raised the question of whether these biases are culturally specific or reflective of more fundamental human thought processes. Do people in different cultures perceive technological and other risks differently or similarly? Mean risk magnitude judgement expressed by Macanese subjects on hazardous activities are reported and compared with findings in ten countries. Despite high similarity in mean results, standard deviations, and linear correlations with the other countries, Macao appears to be the country in which the level of risk perception was clearly the highest, and this seems largely due to five items connected with violence and crime.

Key-words

Risk perception, cross-cultural comparisons, Macau.

As pessoas respondem aos perigos tendo em conta o seu modo de percepção dos riscos. "O que percebem, porque o percebem desse modo, e como se comportarão ulteriormente é um assunto de grande importância para indústrias e governos que tentam avaliar e implementar novas tecnologias" (Peters e Slovic, 1996, pp. 1427-1428).

Nas nossas sociedades ditas modernas, a gestão e a comunicação dos riscos supõem que os peritos, responsáveis políticos e simples cidadãos de um mesmo país (ou de diferentes países) possam partilhar o mesmo quadro de referência no que respeita à avaliação dos riscos, ou pelo menos tenham conhecimento dos diferentes pontos de vista que os possam separar. Os conflitos e as incompreensões podem conter crenças diferentes relativamente a certos factos ou a pontos de vista diferentes acerca do que é mais ou menos importante aquando da discussão sobre os riscos (Neto, 1997, 1998). O simples cidadão pode, por exemplo, encontrar-se mal informado do número de acidentes e de mortes anuais provocadas pelo excesso de velocidade (em consequência, as medidas de prevenção acrescidas nesse domínio poderiam encontrar-se mal recebidas). O simples cidadão pode igualmente considerar que o carácter voluntário ou não da exposição a um risco constitui um aspecto importante na avaliação do mesmo, aspecto geralmente não tido em conta pelos peritos.

Um certo número de estudos sobre a avaliação da gravidade dos riscos em indivíduos que não são peritos foram desenvolvidos em diferentes países: nos Estados Unidos (Slovic, Fishhoff e Lichtenstein, 1985), na Hungria (Englander, Farago, Slovic e Fishhoff, 1986), na Noruega (Teigen, Brun e

Slovic, 1988), na ex-URSS (Mechitov e Rebrik, 1990), na Polónia (Goszczyńska, Tyszka e Slovic, 1991), em França (Karpowicz-Lazreg e Mullet, 1993), no Brasil e na Suécia (Nyland, 1993), no Burkina Faso (Koné e Mullet, 1994), em Portugal (Neto e Mullet, in press; Mullet e Neto, 1997).

O princípio desses estudos é muito simples. Um conjunto de itens (de 20 a 90 conforme os estudos) descrevendo uma actividade, uma substância ou uma tecnologia (ver Quadro 1) é apresentado aos sujeitos, geralmente estudantes. Estes devem cotar, numa escala de 0 a 100, o grau de gravidade do risco associado a cada item.

Os resultados obtidos são susceptíveis de esclarecer os peritos e responsáveis políticos sobre as razões das divergências de perspectivas entre eles mesmos e o público em matéria de gestão do risco. Eles são susceptíveis igualmente de esclarecer os responsáveis políticos sobre as razões de eventuais pontos de divergência entre eles mesmos e os seus homólogos de outros países. Eles são susceptíveis de trazer alguns elementos de respostas quanto às relações entre reacções do público a certas substâncias ou tecnologias novas e política de informação dos *media*. É uma parte desses resultados que será apresentada neste artigo.

Cotações Médias de Risco Observadas em Macau

O Quadro 1 apresenta as cotações médias observadas em Macau (Neto e Mullet, submitted). Os itens foram ordenados daquele que produziu a resposta média mais elevada (Crime) para aquele que produziu a resposta média mais baixa (Jogging).

Pôde-se constatar que as principais preocupações dos sujeitos de Macau estavam relacionadas antes de mais com um certo número de itens que evocam a violência e a guerra (Crime, Terrorismo, Armas de fogo, Gás que afecta o sistema nervoso, Armas nucleares, Dinamite, Guerra) assim como com substâncias cujo uso ou abuso conduzem a consequências infelizmente demasiado bem conhecidas (Heroína, Marijuana, Morfina). O único item que pertence a esse grupo da frente e evocando uma actividade industrial é Centrais nucleares.

Os itens que receberam as cotações médias mais baixas correspondem essencialmente a actividades praticadas livremente e que não necessitavam de aparelhagem sofisticada ou de ambiente particular (Jogging, Natação em piscina, Banhos de sol, Bicicleta, Skate), a práticas medicinais bem aceites (Vacinas), a tecnologias de utilização quotidiana (Cosméticos, Tintas para o cabelo, Electrodomésticos de grandes dimensões) e a deslocação de pessoas (turismo, emigração). É interessante constatar que a cotação média do item

Satélites na órbita terrestre figura entre os mais baixos. Pode-se dizer então, que o desenvolvimento desse tipo de tecnologia não corre, de imediato, o risco de suscitar oposições fortes no público.

Se compararmos as cotações com aquelas que os peritos poderiam dar com base em estatísticas actuais de mortalidade constatamos, por exemplo, grandes desvios entre respostas dadas sobre a base de factos reais registados e cotações exprimidas. O item Veículos a motor que se encontra entre as principais causas de acidentes mortais apenas figura, por exemplo, em quadragésimo terceiro lugar, longe do Terrorismo. O Tabagismo que mata incomparavelmente mais pessoas do que as Centrais nucleares obtém no entanto, aproximadamente a mesma cotação. Como é evidente, os sujeitos não se baseiam apenas sobre o conhecimento que poderiam ter nas estatísticas de mortalidade para julgar o grau de gravidade dos riscos associados a cada item.

Comparação das Cotações Médias Observadas em Diferentes Países

Os valores do Quadro 1 são relativamente dispersos. Eles variam de 12.9 a 90.6. A sua média é de 47.8. Este último valor pode ser considerado como um índice grosseiro do grau global de insegurança exprimido pelos sujeitos. O Quadro 2 apresenta os valores tomados por esse índice em diferentes países, com o mesmo tipo de questionário, empregando o mesmo material mas com um número variável de itens.

A média global para a amostra de Macau (48.3) com 83 riscos comparáveis era superior a mais de 4 pontos que a média global da amostra portuguesa (cerca de 44), e superior a seis pontos para as cotações médias globais das amostras francesa, americana e do Burkina Faso (cerca de 41). As cotações médias com 65 ou 51 riscos são também apresentadas no Quadro 2. O valor médio mais elevado encontrou-se sempre em Macau e, por ordem decrescente, no Brasil, em Portugal, no Burkina Faso, nos Estados Unidos, na França, na Polónia, na Noruega, na Suécia, na Hungria, e finalmente na ex-URSS.

O desvio-padrão na amostra de Macao (17.3) era maior do o da amostra húngara (11.9), mas da mesma ordem de grandeza de outros países.

Segundo estes resultados, as amostras macaense, portuguesa, americana, francesa, brasileiras e burkinense mostram semelhanças no modo como diferenciam os riscos.

Se considerarmos de novo a última linha do quadro, constatamos que a cotação média registada para dois países, ex-URSS e Hungria, é sensivelmente mais fraca. Nesses países, o grau de insegurança exprimido seria então menor. Esse resultado pode parecer paradoxal na medida em que a esperança de vida na ex-URSS ou na Hungria é inferior à dos Estados Unidos, Portugal ou da França. Esse resultado explica-se por conseguinte, se tivermos em conta o facto que nesses dois países, a informação do público em matéria de risco funcionava (no momento dos questionários) de maneira muito diferente daquela que conhecemos nos países ocidentais, bem como em Macau. Os acidentes ligados à produção de energia foram, por exemplo, raramente levados a conhecimento do público. De facto, o optimismo relativo que traduz a fraqueza das cotações médias poderia ser considerado como o produto de uma sub-informação.

As considerações que precedem não parecem aplicar-se ao caso da Polónia para a qual as cotações médias têm um valor mais próximo das observadas nos países ocidentais. É preciso saber que na Polónia subsistia uma imprensa católica, independente do poder. O público teve então a possibilidade de aceder às informações mais variadas, e daquelas relativas aos acidentes.

Notaremos, enfim, que as cotações médias observadas para a Noruega e para a Suécia colocam esses países a meio caminho entre a Polónia e a Hungria. O argumento da ausência sistemática de informação sobre os acidentes não se coloca neste caso. É possível que os Noruegueses e os Suecos tenham de facto exprimido a sua maior confiança na eficácia da legislação nesses países.

Comparação dos Perfis de Cotação Observados em Diferentes Países
Independentemente da comparação das médias, é possível realizar a comparação dos perfis de cotação nos diferentes países. Uma correlação linear foi calculada entre cada série de cotações médias para cada par de países para os quais essas cotações estavam disponíveis. Os resultados são apresentados no Quadro 3.

Entre as cotações médias observadas em Macau e já apresentadas no Quadro 1 e os dados correspondentes observados em outros países, as correlações são geralmente fortes à excepção das calculadas com dois países: a Hungria e a ex-URSS. Uma das maiores correlações foi para Macau-Portugal: .81 (87 itens comuns).

A correlação mais baixa foi para Macau-ex-URSS: .16 (54 itens comuns). As correlações com França, Noruega, e Brasil também são elevadas (>.80).

Podemos então, concluir que em matéria de risco, os Macaenses partilham geralmente as mesmas (principais) preocupações que os Franceses, os Portugueses, os Noruegueses, os Brasileiros, os Burkinenses, os Polacos, os Suecos e os Americanos. Eles distinguem-se sensivelmente dos ex-Soviéticos. O perfil de cotação destes últimos distingue-os de todos os outros países, incluindo a Hungria e a Polónia.

Diferenças Específicas entre Países

Encontraram-se poucas diferenças acentuadas (>20) entre as cotações de Macau e de Portugal: no total 5 (Quadro 1). Diziam respeito ao Terrorismo (+ de 20 pontos) cuja cotação em Macau era maior que as cotações observadas em todos os outros países. Estas diferenças também diziam respeito à Defesa Nacional (+ 23 pontos) bem como ao Pugilismo (+ 23 pontos), isto devendo-se provavelmente ao facto do boxe chinês ser muito mais violento do que o boxe ocidental. As diferenças também diziam respeito aos Contraceptivos orais (+ 22 pontos), provavelmente porque na China, a contracepção oral é vista como não natural. Finalmente, encontraram-se diferenças a propósito da Aviação supersónica (+ 21 pontos), provavelmente porque os aeroportos locais eram, até há pouco tempo muito perigosos.

O Quadro 4 mostra as dez maiores avaliações para a amostra de Macau e os valores correspondentes encontrados nos outros países, quando disponíveis. A diferença entre Macau e os outros países referia-se sobretudo ao Crime, ao Terrorismo, às Armas de fogo, ao Gás que afecta o sistema nervoso e à Dinamite.

Para estes cinco itens as cotações médias observadas na amostra de Macau (86.9) ultrapassavam as cotações médias observadas nos outros países (Brasil situava-se em segundo lugar, e o valor de Portugal era de 71.4).

Em Jeito de Conclusão

Estamos longe de ter esgotado o conjunto das comparações e comentários que o conjunto dos dados apresentados poderiam permitir.

Seria muito interessante (e relativamente pouco custoso) enriquecer o conhecimento que podemos ter da percepção dos riscos pelos indivíduos não-peritos aplicando o tipo de questionário descrito aqui a amostras de sujeitos mais vastas e mais representativas.

Seria interessante conduzir um estudo semelhante na China comparando, por exemplo, o que ocorre na China litoral desenvolvida e na China interior. Um conhecimento do modo com as pessoas percebem os riscos é importante e permitiria elucidar os responsáveis políticos sobre problemas muito diversos: a) percepção dos riscos no trabalho, medidas de prevenção dos acidentes e aceitação pelos trabalhadores das regras de segurança; b) percepção dos riscos para a saúde e consumo de álcool e de substâncias nocivas, alimentação equilibrada, exercício físico; c) percepção dos riscos ligados à circulação e ao respeito das regras, para só se referirem alguns dos problemas.

Seria, na mesma ordem de ideias, interessante seguir a evolução no tempo da percepção dos riscos. Esta estando, ao que parece, muito ligada à actividade dos *media*, é necessário ter em atenção as evoluções rápidas no grau de riscos ligados a diferentes actividades.

Referências bibliográficas

Englander, T., Farago, K., Slovic, P. and Fischhoff, B. (1986). A comparative analysis of risk perception in Hungary and the United States. *Social Behavior*, 1, 55-66.

Goszczyńska, M., Tyszka, T. e Slovic, P. (1991). Risk perception in Poland: A comparison with three other countries. *Journal of Behavioral Decision Making*, 4, 179-193.

Karpowicz-Lazreg, C. e Mullet, E. (1993). Societal risks as seen by a French public. *Risk Analysis*, 13, 253-258.

Koné, D. and Mullet, E. (1994). Societal risk perception and media coverage. *Risk Analysis*, 14, 21-24.

Mechitov, A. and Rebrik, S. (1990). Studies of risk and safety perception in the USSR. In K. Borcheding, O. I. Larichev, and D. M. Messick (Eds.), *Contemporary issues in decision making*. Amsterdam: Elsevier.

Mullet, E., e Neto, F. (1997). A percepção dos riscos: Uma perspectiva internacional. *Revista Portuguesa de Psicologia*, 32, 133-143.

Neto, F. (1997). *Estudos de Psicologia Intercultural: Nós e outros*. Fundação Calouste Gulbenkian, Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica.

Neto, F. (1998). *Psicologia Social*, (Volume 1). Lisboa: Universidade Aberta.

Neto, F. e Mullet, E. (in press). Societal risk as seen by the Portuguese public. *European Review of Applied Psychology*.

Neto, F., e Mullet, E. (submitted). Societal risks as seen by Chinese students living in Macao.

Nyland, L. G. (1993). Risk perception in Brazil and Sweden. RHIZIKON: Risk Research Report, 15. Stockholm: Stockholm School of Economics Peters, E. and Slovic, P. 1996. The role of affect and worldviews as orienting dispositions in the perception and acceptance of nuclear power. *Journal of Applied Social Psychology*, 26, 1427-1453.

Slovic, P., Fischhoff, B. and Lichtenstein, S. (1985). Characterizing perceived risk. In R. Kates, C. Hohenemser, and R. Kasperson (Eds.), *Perilous progress: Managing the hazards of technology*, Boulder: Westview.

Teigen, K., Brun, W. e Slovic, P. (1988). Societal risk as seen by a Norwegian public. *Journal of Behavioral Decision Making*, 1, 111-130.